



POLIFONIA 29

Reconstruindo o outro: diferenças culturais, étnicas e de gênero.

O número crescente de debates, com diferentes enfoques teóricos sobre identidade, alteridade, questões étnicas e de gênero, nos estudos de linguagem, evidencia um desejo de questionar e compreender as mudanças na configuração sócio-histórico-cultural das últimas décadas, que produzem novas formas de operar com essa subjetividade. No que se refere às questões identitárias, reconhece-se a pluralidade e diversidade de identidades, em proporção maior ou menor, nas comunidades que as debatem academicamente e, principalmente, naquelas que as vivenciam socialmente no cotidiano. Semelhante observação pode ser feita quanto aos estudos ou assuntos relativos à etnicidade e gênero. Incontáveis têm sido os estudos voltados a esses enfoques, num momento sócio-histórico que suscita rever as relações de colonialidade nas quais, por muito tempo, hierarquias e ideologias velaram as desigualdades que gradativamente se revelam. Ainda, com respeito à alteridade, constata-se que o ‘outro’ tem sido objeto de estudos, dada a percepção de sua relevância na construção identitária, nas relações de colonialidade, subalternidade e promoção da equidade.

Diante dessas reflexões, o tema “Reconstruindo o outro: diferenças culturais, étnicas e de gênero” confirmou-se oportuno para a edição de 2014 do periódico científico *Polifonia*. Nesta publicação, dialogamos com pesquisas de diferentes vertentes que demandam releituras do passado e novas perspectivas do presente.

Os artigos da primeira parte da revista privilegiam a questão da alteridade quando discutem o outro ou os outros: na construção identitária; nas construções discursiva e narrativa; nas representações imagéticas e midiáticas; na interpretação cultural; nas expressões coloquiais; nos relatos de experiências; nos letramentos dentro e fora da escola e na formação docente.

Na segunda parte - *Outros lugares* - desse número da revista, as pesquisas abordam o tema, salientando mais elementos desse(s) outro(s):



experiências de aprendizagem de alunos surdos, de alunos de língua inglesa e de professores-graduandos; aspectos linguísticos da linguagem de uma comunidade indígena e do português brasileiro.

No conjunto dos artigos da revista, ressalta-se a variedade de procedimentos metodológicos na realização das investigações e respectivas interpretações. Os autores constroem seus trabalhos valendo-se da análise de discurso (reportagens, textos jornalísticos, música e melodia), da análise interpretativa de imagens, da análise de narrativa, da interpretação teórica de registros de sala de aula e de atividade voltada para a formação docente, da análise de categorias de pertença (ACP), de estudo de caso, de trabalho de campo com base no funcionalismo, de análise comparativa do processo de variação/mudança linguística. Certamente, essa gama de metodologia de pesquisa encontrada nos artigos se revela uma contribuição enriquecedora para os leitores e pesquisadores da área.

Na primeira parte desse número da revista

Os leitores terão a oportunidade de ler sobre várias e diversificadas visões sobre o 'outro' e as questões concernentes à 'diferença'. As implicações transnacionais na categoria de Latinos criada nos Estados Unidos são abordadas no texto "Latina/os and the media: a national category with transnational implications" de autoria de Valdívía. Trata-se de uma instigante percepção da autora a respeito da ampliação da convivência da sociedade americana na qual prevalecia o binarismo étnico branco-negro com a etnia latina, uma categoria intermediária, tida como a categoria 'bronze', como salienta a autora. Na sociedade focalizada, os/as Latinos(as) são retratados em representações sinalizadoras de relações de desejo e ódio - devido, respectivamente, aos corpos invejáveis e à concorrência de empregos-, conforme observa e teoricamente argumenta Valdívía.

A partir de um trocadilho e jogo de sentidos com a palavra inglesa *unbelievable* (inacreditável) e o neologismo *unboliviable* usado por um



funcionário do sistema judiciário brasileiro em reportagens analisadas sobre o tema, Zolin-Vesz, Lima e Vilhena enunciam suas visões no texto “Unboliviable – o discurso endocolonial da revista IstoÉ no caso dos torcedores brasileiros presos na Bolívia”. O artigo resulta numa análise criativa - e deveras crítica - a respeito de publicações que versaram sobre o incidente ocorrido na Bolívia envolvendo torcedores brasileiros e a prisão desses ocasionada pela morte de um jovem boliviano. O inacreditável, para esses autores, verifica-se na exposição de um discurso endocolonial construído por uma revista brasileira em descrições referentes ao país vizinho. A análise desse discurso indica haver uma relação de superioridade (‘nós’, brasileiros, colonizados mas superiores) e inferioridade na referência ao outro (‘eles’, bolivianos, colonizados, mas inferiores).

Em “Representações violentas do outro no cinema: perspectivas étnicas e educacionais no espaço imagético”, Cotrim e Ferraz focalizam a visão do outro - a representação das(s) identidade(s) desse outro numa chave que pode ser étnica, de gênero ou comportamental - no cinema, um espaço onde a imagem é protagonista, tendo sintaxe e gramática visual próprias, conforme aludem os autores. Associam a importância desse enfoque às implicações educacionais que essas representações podem ter, considerando-se que em muitos dos filmes possa haver a dissimulação da diferença por meio do silenciamento de vozes. Essa construção é vista como uma retratação violenta do outro por Cotrim e Ferraz, ao entenderem que “o cinema não é uma reflexão sucinta da realidade, mas o resultado de um processo de criação e interpretação social”.

O outro e a diferença também são estudados por Mizan em “Constructing the indigenous subaltern identity in the Brazilian media: ruptures in dominant representations”. A mídia investigada foi um jornal brasileiro no exame da maneira como a identidade indígena subalterna brasileira é nele representada verbal e visualmente. Num envolvente processo teórico que envolve desconstruções e reconstruções, a autora realiza uma ruptura na pretensa visão neutra e objetiva geralmente defendida pelo

jornalismo. Mizan questiona essa visão na qual o discurso e a fotografia pretendem funcionar como reproduções culturais em inexplícitas estruturas de poder, desvelando as representações e generalizações da identidade indígena apresentadas pela mídia.

A cultura indígena também é foco do instigante trabalho de Nascimento em “O potencial contra-hegemônico do rap indígena na América Latina sob a perspectiva decolonial”. Em seu artigo, o autor analisa a apropriação cultural do *rap* por grupos indígenas da América Latina. Embora concorde com a assunção de que o *rap* e o *hip hop* são estilos ou gêneros culturais tidos como representantes do imperialismo da cultura norte-americana, Nascimento avalia que esses têm servido às referidas comunidades como meios e novos espaços para enunciações contra-hegemônicas, contra marginalizações, denúncias de desigualdades e negligências. Essa apropriação resulta num movimento decolonial que desafia e questiona “a linearidade temporal e de centralidade espacial eurocentrada do projeto colonial”, nas palavras do autor.

A identidade do brasileiro Chico Mendes reconstruída na narrativa de um jornalista norte-americano é o tema de Gallardo em “Construção de uma identidade brasileira: a narrativa de um norte-americano sobre o Brasil”. A autora analisa a relação entre sujeito e enunciado, a partir das impressões do jornalista sobre a região norte do Brasil. Para a pesquisadora essas são impressões tendenciosas, considerando-se os indícios de colonialidade na narração do estrangeiro a qual permite a leitura de que os habitantes do norte do Brasil são incultos, incompetentes, subornáveis, sem acesso à educação tecnológica, privilégio exclusivo dos países desenvolvidos. Na análise de Gallardo, o norte do Brasil se torna a visão generalizada do Brasil para o jornalista, sendo essa uma noção construída por conceitos que atualmente são questionados na área de cultura.

Reconhecendo a crescente importância do tema sexualidade e questões a ele adjacentes, como as relações homoafetivas, Assis, Mareco e Passeti trazem uma oportuna análise sobre a expressão ‘sair do armário’ no artigo “A expressão “sair do armário”: trajeto temático em torno da fórmula discursiva”.



Observam a regularidade de uso da expressão em textos variados da internet, interpretando as descrições do termo e as possibilidades de geração de polêmica e resistência na construção de sentidos pelo leitor. Na reflexão sobre a emergência e disseminação da expressão analisada, os autores sinalizam a relevância de movimentos sociais em torno da identidade e os direitos garantidos por lei os quais possibilitam o debate - e eventuais análises - por meio da exposição do discurso.

Também abordam questões que remetem à sexualidade os autores Ostermann, Carvalho e Frezza no texto “Quem decide (ou não) pela camisinha? a abordagem da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis em ligações para um *call center* governamental sobre saúde”. Nos registros de ligações a um *call center* de atendimento e esclarecimento sobre saúde, as autoras analisam as narrativas referentes a pedidos de informação sobre doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). As ligações partem de mulheres preocupadas com o risco de contágio por alguma DST via relação sexual. Na análise da capacidade de agência das mulheres, as pesquisadoras verificam o consentimento das mesmas à baixa adesão ao uso - ou mesmo ao não uso - de preservativos masculinos, uma decisão atribuída ao parceiro. Ostermann, Carvalho e Frezza defendem, assim, a promoção de políticas educacionais para a conscientização de homens e mulheres sobre os referidos cuidados com a saúde.

Construção identitária e subalternidade, algumas das questões tratadas em artigos nesta revista, são também abordadas em “Digital literacy, cosmopolitanism, and the subaltern” por Windle. A referência aos mencionados tópicos ocorre em composição com outros: as influências cosmopolitas, o hibridismo e o letramento digital. As interpretações do autor trazem pertinentes considerações sobre a incorporação de letramento digital e cosmopolitanismo na educação, a distância entre escolaridade formal e formações culturais e linguísticas fora da escola e a desigual distribuição de capital cultural nessas relações.



Em “Aulas de língua inglesa na contemporaneidade: espaços para a (re)construção das identidades”, Silva teoriza sobre os Letramentos Críticos, defendendo a adequação desses para os processos educativos contemporâneos preocupados com “a equidade nas oportunidades, e a negociação ativa dos diversos discursos para construir uma sociedade ética, plural, equânime e interconectada”, nas palavras da autora. Essa defesa se estende ao ensino de línguas, no caso do artigo, à língua inglesa, instância da educação formal que pode contribuir significativamente para a formação crítica de educandos, logo, para a construção identitárias desses.

O artigo “convergência e diversidade no ensino de línguas: expandindo visões sobre a ‘diferença’ de Monte Mór encerra a primeira parte desse número da revista ampliando o diálogo sobre a ‘diferença’”. Baseando-se em investigações de campo, a autora salienta a importância da expansão dos estudos sobre diversidade e diferença em programas de formação docente pré-serviço e em serviço. A proposta volta-se para a preparação de professores para o trabalho de construção e reconstrução de sentidos que ampliem as visões além da convergência, revisando conceitos consolidados - e eventuais preconceitos - sobre a diversidade e a diferença na educação.

Em *Outros Lugares*, a segunda parte da revista

Seis artigos tangenciam as questões focalizadas na seção anterior por meio de práticas desafiadoras. Xavier, Jesus e Joseph avaliam a experiência de um curso de inglês a distância em “Desafios e perspectivas em práticas de letramento por alunos surdos em curso a distância de língua inglesa”. Salienta-se nesse texto o foco em alunos surdos. Os autores sinalizam para a necessidade de aprofundamento sobre essa especificidade do tema, no que tange às premissas de desenvolvimento linguístico e crítico, para esse tipo de aprendiz.



Santos e Ifa voltam-se para a formação de professores de Inglês da rede pública do interior de Alagoas no artigo “O uso de gêneros discursivos e a manifestação de compreensão responsiva ativa nas aulas de leitura em língua inglesa”. A contribuição dos autores está na experiência bem sucedida com docentes no ensino de leitura com gêneros discursivos, em língua inglesa. A mudança na prática docente se verificou no desenvolvimento de atividades voltadas para a formação de um leitor com consciência reflexiva e crítica e a maior compreensão dos professores da função da linguagem como ação social.

Os investigados de Lopes em ““O que sabem os futuros professores de inglês?”: interpretando conflitos” são alunos do curso de Licenciatura Inglês/Português em uma instituição de ensino superior paulistana. O desenho de instigantes questões de pesquisa propiciou ao pesquisador a percepção da atuação do imaginário construído em momentos escolares anteriores à fase da licenciatura quando se trata de leitura de mundo. Com essa asserção, Lopes defende um projeto de formação que proporcione o engajamento crítico com as fronteiras da diferença e a devida teorização da proposta.

A experiência de pesquisa realizada por Borges, Lago e Ferreira volta-se para a colaboração entre aprendizes e o uso de língua portuguesa como suporte para a realização de exercícios de compreensão oral em inglês. A contribuição desse estudo de caso é descrita e teorizada em ““Com a ajuda do meu colega consegui fazer o exercício de listening””: uma análise sociocultural da interação de dois alunos em uma atividade de compreensão oral em inglês”. A análise se concentra na perspectiva sociocultural de aprendizagem de línguas, salientando os benefícios de *scaffolding*, que favorece a explicação e compreensão da tarefa e confiança no aprendizado, nas interações colaborativas.

Rosa e Souza apresentam inegáveis contribuições aos estudos linguísticos com a descrição dos morfemas pronominais da Língua Terena



pertencente à família Aruák no texto “Morfemas pronominais do Terena (Aruák)”. Trata-se de resultado de pesquisa realizada nas comunidades Bananal e Lagoinha, no município de Aquidauana/MS, na qual são descritos os morfemas pronominais da língua terena nas formas livre e presa: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos, objetos, reflexivos e recíprocos. Os autores indicam também o andamento de novas análises de outros pronomes da citada língua indígena, reafirmando a relevância desses estudos.

Martins e Vargas encerram a segunda parte da revista com o artigo “Os possessivos de segunda pessoa do singular em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX”. O texto trabalha com a descrição e análise do processo de variação/mudança dos pronomes possessivos de segunda pessoa em cartas de leitores de jornais das diversas regiões brasileiras e de diferentes séculos. Esses estudos contribuem diretamente para Projeto da História do Português Brasileiro (PHPB), registrando a coexistência de formas e diferentes usos de possessivos na natureza sociodiscursiva de leitores nos diferentes tempos e locais.

Esses artigos certamente trarão reflexões, expansões críticas e *insights* aos leitores. Desejamos ótimas leituras a todos!

Walkyria Monte Mór
Danie Marcello de Jesus
Organizadores